

BRÁS DIAS DE AGUIAR

AS Comissões Demarcadoras de Limites constituíram e ainda constituem escola aprimorada de geógrafos operantes, na qual só ingressam e perseveram as individualidades possuidoras de predicados de exceção.

Ao vigor físico e resistência às duras provas, que lhes trará o natural desenvolvimento dos trabalhos, devem aliar a competência especializada, além do espírito de ordem e disciplina, que lhes é indispensável ao êxito, em regiões longínquas, desprovidas habitualmente de meio algum de auxílio.

Não maravilha que mobilizem, para as suas empresas, os militares, avezados à organização condicionada a normas rigorosas, que lhes permitem suplantarem os obstáculos encontrados em semelhantes cometimentos.

De SOARES DE ANDRÉA, o primeiro demarcador que chantou marcos duradouros ao sul, a LOPES DE ARAÚJO, que roteou a faixa fronteiriça do Apá e Maracaju a Parimá, ao norte, onde conquistou os brasões de baronato, dezenas de oficiais do Exército tiveram o nome inscrito nos fastos fronteiriços.

Semelhantemente, na Marinha não será menor a série de colaboradores, desde A. CLÁUDIO SOIDO, que iniciou a demarcação das raias com a Bolívia, a GUILLOBEL, incumbido pelo barão do RIO BRANCO de modificá-las nos trechos constantes do Tratado de Petrópolis.

De terra ou de mar, longa será a lista dos representantes, que se internaram pelos sertões impérvios, para traçar a linha separadora de soberanias.

Dêstes, o último a baquear extremou-se por mais demorada permanência nas regiões extremas, que lhe empolgavam o entusiasmo de curioso desbravador.

Era BRÁS DE AGUIAR apenas primeiro tenente da Armada, quando o levou o destino a experimentar o desconforto das operações no receso da floresta amazônica, onde se ultimava a demarcação da fronteira na região acreana.

Achava-se no começo de promissora carreira naval, que abraçara, em 1899, depois de concluir os estudos no Colégio Militar.

Carioca, nascido em 3 de fevereiro de 1881, conheceu, antes de completar o terceiro decênio de existência, a rude labuta dos devassadores de paráguas invias, que lhe deram novo sentido à vida e o atraíram para aventureira trajetória.

Anteriormente, sulcara os mares, ora de bonança, ora tempestuosos, a bordo do "Tamarandé", "Benjamin Constant", "Comandante Freitas", "República".

Eletuara sondagens e montara estações termo-pluviométricas na Amazônia, onde se achava, quando foi requisitado pelo ministro das Relações Exteriores.

A Comissão Demarcadora de Limites do Brasil com a Bolívia, que operava sob a chefia do almirante GUILLOBEL, ia perder a colaboração de um dos seus elementos mais sagazes.

O capitão de corveta ANTÔNIO ALVES FERREIRA DA SILVA, que já demonstrara de sobejo a sua competência produtiva, obtivera a dispensa requerida.

Atendido, urgia dar-lhe substituto idôneo.

E lembrou-se o governo, acaso por indicação do próprio demissionário, do 1.º tenente BRÁS DE AGUIAR, que se enamorou do cenário amazônico, onde atuaria mais longamente do que outro qualquer dos seus predecessores.

Assim, de agosto de 1910 a dezembro de 1914, começou feito ajudante, para logo passar a sub-chefe da Comissão de Limites com a Bolívia, na região acreana, onde fez o levantamento do Igarapé Bahia, do rio Acre e determinou coordenadas geográficas.

Promovido, por merecimento, ao posto de capitão-tenente a 7 de maio de 1913, não tardou em obter a dispensa da comissão, para tornar ao convívio dos seus colegas da Armada.

Durante a Guerra, permaneceu a bordo do couraçado "Minas Gerais".

Em 1920, porém, os trabalhos demarcatórios de novo o empolgam, na Comissão de Limites com o Peru de que participou até 1927, sob a chefia de FERREIRA DA SILVA já almirante.

Capitão de corveta, a 9 de fevereiro de 1923, concedeu-lhe o governo a solicitada reforma a 12 de janeiro de 1927, com a graduação de capitão de mar e guerra, em que o efetivou ato ulterior, de 15 de outubro de 1945.

Depois de explorar os cursos d'água fronteiriços, organizou expedição ao rio Negro e viajou até Cucuí, em estudos preliminares para a demarcação da fronteira venezuelana.

A crônica assinalava-lhe graves interrupções, como a que impugnara os trabalhos de 1880-1884, e a resultante da paralisação das operações de campo em 1915, quando foi dissolvida a Comissão Melo Nunes que as executava.

Reiniciados os trabalhos, não lhes faltou nova descontinuidade, enquanto prosseguiram os que interessavam às Guianas, incluídos na "Comissão Brasileira Demarcadora das Fronteiras no Setor Norte", cuja direção lhe foi confiada a 6 de agosto de 1929.

A primeira a ser demarcada, a Holandesa, deu causa à cerimônia da assinatura das atas finais, em Belém, a 6 de maio de 1938, presente o almirante CONRAD KAYSER, saudado em inglês pelo comandante AGUIAR que, em seguida, se dirigiu aos seus patricios.

"Aqui, um grupo de brasileiros profundamente enamorados de sua terra e de sua gente porfia, sem cessar, num silencioso trabalho, pleno de sadio entusiasmo e intenso espírito de brasilidade, no sentido de transmitir a nossos descendentes um Brasil integrado, juridicamente, pela força de direito, na grandeza territorial que legitimamente herdamos de nossos maiores; um Brasil digno das alvissareiras esperanças que nos entremostra o porvir; um Brasil que prolongou as tradições gloriosas de nosso passado; um Brasil, enfim, sem raias desconhecidas, a fim de que possamos conhecer até onde se estende a nossa soberania, para que possamos melhor respeitar a soberania de nossos confinantes."

Pela perícia e tacto demonstrados na campanha, concedeu-lhe a rainha GUILHERMINA, para lhe premiar os méritos de ativo demarcador, a insígnia de comendador da Ordem Orange Nassau.

Decorridos alguns meses, em janeiro seguinte, análoga cerimônia processou-se no Palácio Itamarati, onde se encontraram o ministro das Relações Exteriores, OSVALDO ARANHA, e o embaixador HUGH GURNEY, além de altas autoridades, que ouviram do comandante AGUIAR a declaração, após a assinatura da respectiva ata de encerramento:

"Estão terminados os nossos serviços de demarcação da fronteira do Brasil com a Guiana Britânica.

Trabalhamos, durante oito anos, nas regiões mais inóspitas, numa luta constante e tenaz contra os elementos da natureza, atravessando, muitas vezes, zonas completamente desconhecidas.

Foi um trabalho árduo, cheio de sacrifícios, compensado, porém, pela constante harmonia, a inalterável camaradagem e espírito de cooperação, que reinaram entre as duas comissões".

No tocante à Venezuela, deporia, ao indicar o programa que pretendia realizar:

"A atual campanha de trabalhos de demarcação com a Venezuela dedica-se ao estabelecimento de sinais aerofotográficos e marcos fronteiros e ao levantamento topográfico dos rios cuja caracterização interessa imediatamente aos trabalhos demarcatórios...

"De conformidade com o protocolo de 24 de julho de 1928, foram considerados definitivos os marcos colocados em 1912 pela Comissão Melo Nunes, na margem esquerda do rio Negro.

"Terminado esse trabalho, (da linha geodésica de Cucuí à Huá), a Comissão iniciou a demarcação na serra de Piracaima, divisor de águas Amazonas-Orenoco, a partir do monte Koraima até o marco n.º 9, numa extensão de 165 quilômetros. Entretanto, por motivo de força maior, em 1934, quando os trabalhos alcançaram o campo de Paranaçuá o governo da Venezuela pediu a sua suspensão."

Ao sintetizar os trabalhos realizados na primeira década, arrolou o "levantamento topográfico de mais de 3 000 quilômetros de fronteira, cerca de 4 460 quilômetros de rios fora da linha fronteira, além de 500 quilômetros de exploração de rios em suas cabeceiras, para localização dos divisores de águas. Construiu 216 marcos fronteiros e determinou as coordenadas geográficas de mais de 300 pontos na fronteira e fora dela".

Achava-se em Belém, quando notícia de sensação agitou a imprensa paraense, que o considerou exonerado, em virtude da extinção da sua Comissão.

Ouvindo a respeito, o demarcador retificou a versão, interpretada erroneamente.

Em vez da organização anterior, decreto de 24 de março de 1939 agrupou as regiões limítrofes do Brasil em duas divisões, a primeira das quais "compreenderá as Guianas Francesa, Neerlandesa de Suriname e Britânica, a Colômbia e o Peru", enquanto que abrangeria a segunda a fronteira de "Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai".

Da modificação resultou-lhe acréscimo de encargos, que se estenderam também aos extremos peruanos.

Encontravam-se por essa época sob a sua jurisdição 189 funcionários, distribuídos pelo Uraricoera, afluente do rio Branco, pelo Majamari, por Manaus, além do escritório em Belém, onde se encontrava maior número, para manter a regularidade admirável dos serviços.

Desde o arquivamento de mapas, informações, relatórios e correspondência, até a distribuição de material e víveres pelas turmas enviadas ao campo.

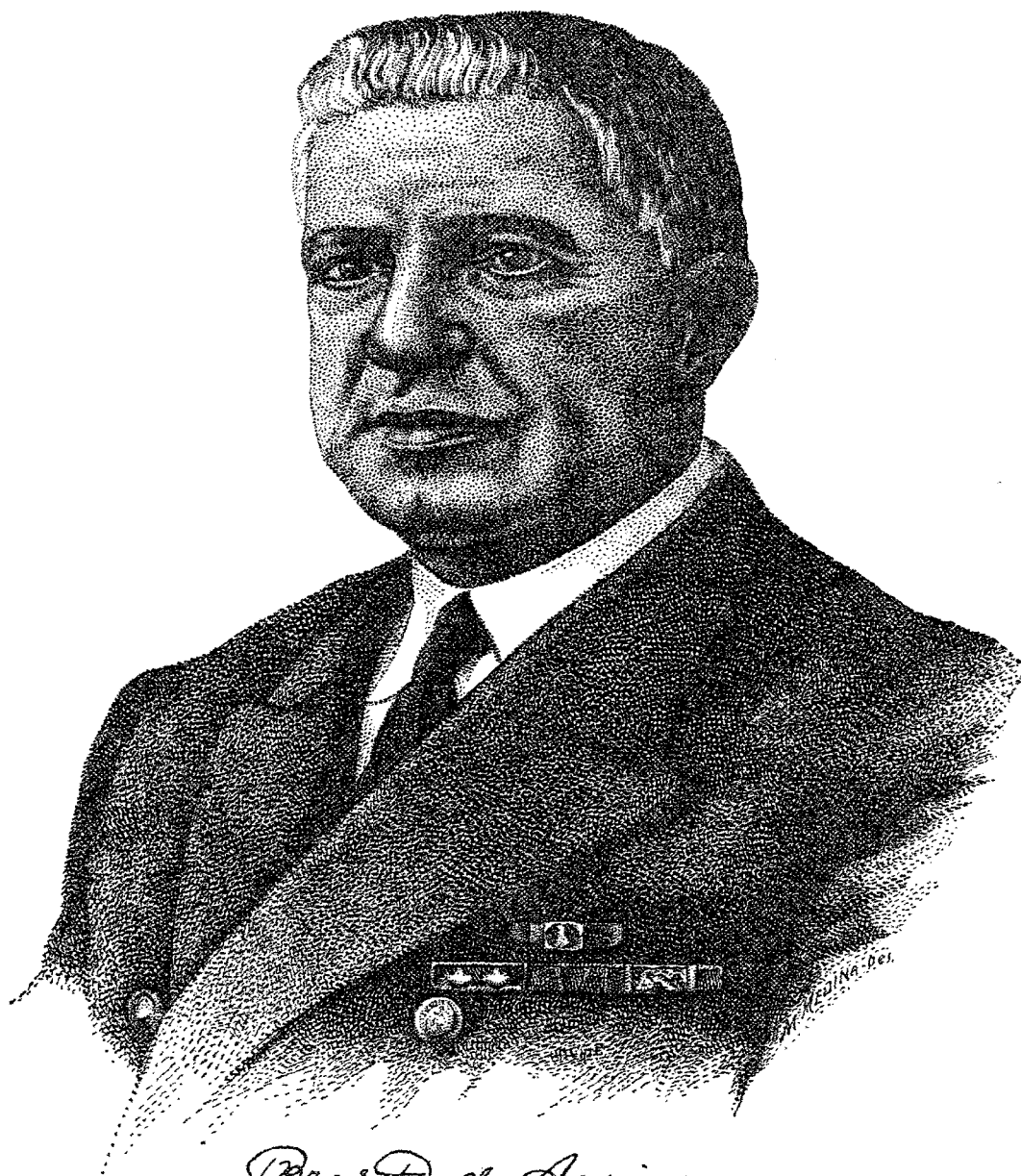
Revelava-se por semelhante aspecto o administrador previdente e cuidadoso, que sobremaneira conhecia as dificuldades com que topariam os expedicionários e forcejava por atenuá-las da melhor maneira.

E sabia estimular o concurso dos auxiliares, pelo exemplo que dava, de amor ao trabalho e pela bondade com que lhes atendia as sugestões e diligenciava a todo o transe atalhar motivos de aborrecimentos.

"Tudo aqui é rigorosamente distribuído, diria a quem se mostrasse desejoso de conhecer-lhe o processo de evitar que o seu pessoal sofresse carência de nutrição.

"A cada trabalhador da Divisão cabe uma ração certa para um período certo de tempo. O arroz, o café, a farinha, a conserva e outros alimentos, são racionados equitativamente, em recipientes próprios. Para os oficiais, o mesmo critério".

E tudo fazia para poupar aos seus subordinados os padecimentos, que não resultassem das próprias condições do serviço, em terreno que nenhum civilizado palmilhara.



Comprazia-se em dar o exemplo, feito vanguardeiro, sempre que não fôsse reclamada a sua presença alhures.

Onde houvesse alguma dificuldade maior da marca, não tardava a enfrentá-la pessoalmente.

E por isso, podia alinhar números expressivos dos serviços realizados: "1 600 quilômetros na Guiana Britânica, 600 na Holandesa; 400 na Venezuela, onde estava explorando a "zona mais desconhecida da América do Sul".

Estimou que as operações ainda se alongariam por seis anos, para modificar inteiramente os mapas que a representavam em desacôrdo com a realidade topográfica.

As exigências dos trabalhos demarcatórios por um lado, a vocação de geógrafo por outro, inspiravam-lhe o estudo não só de exígua faixa fronteiriça, como ainda de outros mais distantes.

E sabia descrevê-las de maneira precisa, como provou a memória apresentada ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, que a premiou com louvores.

Assim, ao mencionar a singularidade notável, do monte Roraima, "que assinala o encontro das três fronteiras, Brasil-Venezuela-Brasil-Guiana Britânica e Venezuela-Guiana Britânica", acrescentou:

"O Roraima se levanta do solo numa monumental muralha de 600 a 800 metros acima do seu pedestal de diabase, de 2 712 metros sôbre o nível do mar.

"O alto do Roraima forma uma colossal mesa de arenito de, mais ou menos, 40 quilômetros quadrados.

Vista de longe, essa chapada nos dá a impressão de uma grande planície empedrada e cheia de lagos, córregos e pântanos: É, porém uma enorme superfície completamente revôlta, coberta de blocos de arenito de grandes dimensões, de montes de 20 a 30 metros que se elevam por tôda parte, com os aspectos os mais bizarros, por efeito do vento e da chuva, dando a idéia de grandes e fantásticos monumentos, produtos de uma imaginação extravagante e formando um labirinto de tal natureza, que muito dificulta a orientação de qualquer explorador".

Se o monte da tri-junção raiana lhe era da obrigação descrever minuciosamente, o gôsto pelas pesquisas geográficas explicar-lhe-ia a expansão exploradora pelo Maú em tôda a sua extensão (374-873), o Tacutu (448 Km), o Uraricoera, o Uraricapará (133 Km), o Majari, (320 Km) e tantos outros cujo traçado já não apresenta a mesma feição antiga.

E com o estudo hidrográfico, também foi realizado o referente ao clima, aos silvícolas ribeirinhos, às vias de comunicação, à salubridade regional.

Tudo registavam os seus relatórios minudenciosos, que ainda se conservam inéditos.

E ao planejar-lhes a divulgação, declarou no prefácio ao tomo I, referente ao histórico da "Fronteira Colonial com a Guiana Francesa", cuja explanação foi confiada à competência de ARTUR REIS; "a série de publicações, que se iniciam com o presente tomo, está tôda organizada dentro dêsse objetivo e sob os mais cuidadosos propósitos científicos".

Não lhe concedeu o destino assistisse ao coroamento de sua obra gigantesca, pois sucumbiu a 17 de dezembro último, quando apenas começavam a aparecer os volumes, "de interesse geográfico, etnológico, sociológico, e onde podemos encontrar elementos esclarecedores sôbre as condições existenciais do largo trecho do vale amazônico, inclusive suas condições patológicas".

O seu renome, todavia, transpusera a fronteira, para se tornar conhecido lá fora, onde lhe requisitaram o saber de profissional exímio e integridade serena de árbitro, para dirimir o dissídio lideiro entre o Peru e o Equador.

Ainda quando, porém, não venham a lume os ensaios que ideou, como remate de suas atividades fronteiriças, alongadas por mais de seis lustros, lá estão, cravados no êrmo, com as suas coordenadas rigorosamente determinadas, os marcos lideiros. E, também, conhecidos e explorados os rios que revelou aos geógrafos, assim como a faixa extremenha, minuciosamente examinada, para testemunharem a sua contribuição inapreciável com que aumentou os conhecimentos geográficos do Brasil.

Em correspondência com os trabalhos de campo, ordenam-se nos arquivos as informações e mapas e relatórios, que lhe atestam o espírito organizador, patente no escritório modelar, que os visitantes gabavam, ao notar-lhe a eficiência em Belém.

Maior do que o demarcador, que se comprazia em marchar à frente dos seus auxiliares, avultava o chefe de gabinete.

Sabia distribuir as tarefas com a perícia de quem lhes percebia rapidamente as preferências e diligenciava atuar a contento de cada um, para maior rendimento do serviço.

Imprimia-lhe irrepreensível ordem, como se permanecesse no comando de algum navio, atento às manobras que lhe cumpria ordenar para que a singradura se realizasse com a máxima perfeição possível, a despeito de ventos ponteiros, que não lhe faltariam nas travessias de paráguas nunca dantes roteadas.

VIRGILIO CORRÊA FILHO